

ARCHIVOS CONTEMPORÂNEOS do ENGENHO de DENTRO

**Histórias da desconstrução
de um manicômio**





Loucura de todos nós: e vamo que vamo!

1 Psicóloga, coordenadora do Bloco Carnavalesco Loucura Suburbana e do Ponto de Cultura Loucura Suburbana: Engenho, Arte e Folia. ariadnedemouramendes@gmail.com

Ariadne de Moura Mendes¹

Introdução

O presente artigo pretende relatar a história da constituição do Loucura, como carinhosamente ficou sendo designado o conjunto de ações do Bloco Carnavalesco Loucura Suburbana e do Ponto de Cultura Loucura Suburbana: Engenho, Arte e Folia. Mais precisamente, contar a versão da autora a partir da sua vivência de concepção e coordenação desse multiprojeto que, por ter a característica de ter sido construído por muitas mãos e corações, contém versões enriquecedoras a partir das quais podem-se contar várias histórias. Que ficarão como uma ideia de próximos artigos e registros: reunir os fundadores do bloco para uma troca das experiências sobre sua criação.

Funcionando no Instituto Municipal Nise da Silveira, no subúrbio do Rio de Janeiro, Bloco e Ponto de Cultura constituem-se num campo de alternativas à desconstrução das estruturas manicomiais, por meio da oferta de um leque de atividades culturais, educativas e de geração de trabalho e renda, gratuitas, abertas a toda a população e integradas à sociedade, representando um suporte à rede de Atenção Psicossocial da cidade do Rio de Janeiro e ao próprio instituto, ampliando a capacidade desses serviços no cuidado diário dos usuários de saúde mental.

São 19 anos de um projeto que apresenta características peculiares por diversas razões: a principal, certamente, é por ter-se construído com a participação de usuários da rede de serviços públicos de saúde mental da cidade, além de familiares, funcionários e sociedade em geral, criando um espaço de cidadania, cuja equipe de trabalho, integrada por essa representação de diversos segmentos sociais, atua num modelo de gestão compartilhada e horizontalizada, em que todos participam das decisões. Outros dois aspectos, igualmente importantes são, primeiro, o Loucura Suburbana ter levado a ex-

periência da saúde mental a integrar-se em redes de cultura, em âmbito local e nacional e, segundo, ter-se constituído, além dos projetos de arte, cultura e educação, como campo de experiência do trabalho – valiosa experiência que visa habilitar os usuários para sua inserção ou reinserção no mercado de trabalho, do qual tradicionalmente são excluídos. Também peculiar é sua vinculação institucional e sua sustentabilidade, que vem se dando com o estabelecimento de parcerias permanentes entre o setor público, privado e organizações da sociedade civil.

Suas ações se desenvolvem com a lógica do acolhimento, do afeto e do respeito às diferenças, produzindo mudanças no olhar da sociedade sobre todas as questões referentes à loucura, seus tratamentos e suas instituições, contribuindo para a luta contra o preconceito e contra o estigma da loucura.

O Bloco Carnavalesco Loucura Suburbana

Criado em 2001, e não é demais reafirmar, como parte do processo de desconstrução do modelo asilar do Instituto Municipal Nise da Silveira – o Bloco Carnavalesco Loucura Suburbana rompeu os muros do hospício e teve importância histórica em três aspectos: revitalizou o carnaval de rua do bairro do Engenho de Dentro, na Zona Norte do Rio de Janeiro, representou uma alternativa de ocupação cultural de uma área carente em equipamentos culturais e com altos índices de violência e colocou a saúde mental como protagonista dessas ações, criando ainda o primeiro bloco de carnaval na área de saúde mental da cidade. Reunindo usuários, familiares e funcionários da rede pública de saúde mental, além de moradores do bairro e adjacências, criou um movimento de integração com a comunidade tendo como motivação a maior festa popular brasileira. Desde então abre o carnaval do bairro arrastando foliões de toda a cidade num desfile pelas ruas do Engenho de Dentro, desfile precedido de uma grande mobilização que acontece meses antes: oficinas musicais, ensaios gerais, composições de sambas e Escolha do Samba Enredo, preparação das fantasias das porta-bandeiras e dos mestres-sala (casal adulto e mirim) e de estandartes, que acontecem nas oficinas de confecção e reciclagem de fantasias, escolha do desenho e confecção das camisetas do ano. Outro diferencial dos desfiles do Loucura Suburbana é a reserva e o empréstimo de fantasias do Barracão e também a oferta de maquiagem horas antes do desfile.

Por seus desfiles e seu trabalho engajado de integração, o bloco recebeu algumas premiações durante sua trajetória: duas vezes o Prêmio Cultura e Saúde, concedidos pelos Ministérios da Cultura (MinC) e da Saúde (edições 2008 e 2010); duas vezes o Prêmio Serpentina de Ouro, concedido pelo jor-

nal *O Globo* – na categoria Destaque, em 2013, e Organização, em 2016. E conjuntamente com o Ponto de Cultura: Prêmio Ações Locais, conferido pela Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro, em 2015, e, no mesmo ano, o Prêmio Cultura de Redes, concedido pelo MinC – avaliando nossa forma de atuação por meio de parcerias e redes com dispositivos de arte e cultura em saúde mental. Em 2017, foi concedida pela Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj), por meio do mandato coletivo do Deputado Flávio Serafini (PSOL), a Moção de Congratulações e Reconhecimento pelos relevantes serviços prestados à propagação da cultura antimanicomial. Em 2018 recebeu o Prêmio Culturas Populares Edição Selma do Coco, mais uma vez, concessão do MinC.

Municipalização, a ideia e a criação

Sem dúvida, a municipalização do Centro Psiquiátrico Pedro II, no final de 1999, cria um contexto facilitador para uma série de processos que vão mudar os rumos e o cenário da instituição – agora Instituto Nise da Silveira. E não será por acaso que a ideia do Bloco Loucura Suburbana surge menos de um ano depois.

É preciso afirmar que esse novo tempo acontece depois de décadas recentes de muita luta e trabalho, forjando as condições para as mudanças posteriores. Até os anos 1980 e grande parte de 1990, a estrutura hospitalar era ainda de uma instituição total, em que a internação era o método de tratamento por excelência. O trabalho de reestruturação dos serviços e de mudança da lógica manicomial aconteceu de forma lenta, estabelecendo uma nova ordem na conquista da liberdade pela busca de novos espaços de trabalho, de novas práticas institucionais. Um dos fatores fundamentais dessas mudanças foi a constituição de equipes multidisciplinares, em que categorias profissionais, antes subalternas e secundárias, se tornaram protagonistas, constituindo um saber coletivo no lugar do discurso médico hegemônico por tantos séculos. Assim, além da clássica composição médico – enfermeiro, psicólogos, auxiliares e técnicos de enfermagem, assistentes sociais, terapeutas ocupacionais, categorias profissionais de nível médio, pessoal administrativo, de limpeza, recepção – categorias que nunca se poderia imaginar integrando equipes assistenciais – conquistaram igualdade na própria equipe e puderam promover a reestruturação dos serviços com mais humanidade, numa luta diária contra a violência e o desrespeito, característicos da vida manicomial. Muitas outras mudanças institucionais aconteceram nesse processo – e que estão relatadas em artigos nesta edição da revista – realizadas pelos profissionais dessas várias categorias profissionais, constituindo um

2 No Rio de Janeiro os serviços de saúde mental pertencentes ao Ministério da Saúde eram: Hospital Philippe Pinel, Colônia Juliano Moreira e Centro Psiquiátrico Pedro II.

movimento que ficou conhecido como Movimento dos Trabalhadores de Saúde Mental. O ciclo dominante até então – internação/reinternação/cronificação vai ser quebrado com a construção gradual e coletiva de um trabalho que aposta no modelo extra-hospitalar e territorial de atendimento e se observou uma verdadeira revolução na instituição para que ela fosse perdendo seus contornos manicomial em direção à abertura que permitiria, de fato, o fim do hospício.

Foi justamente no Ambulatório Central, criado na década de 1980, que os clientes da Oficina de Artes, recém-criada naquele serviço, sugeriram fazer uma festa de carnaval. A proposta refletia a tendência, ou a realidade vivida até então, de realizar atividades dentro dos muros do hospital. Era o final do ano 2000.

Muitas ações importantes já aconteciam nesse momento no Instituto Nise da Silveira. Além de inserir naturalmente a instituição na rede de serviços de saúde da cidade, a municipalização dos serviços de saúde mental, antes pertencentes ao Ministério da Saúde² propiciou o aporte de recursos, principalmente de recursos humanos e foi com a chegada de novos profissionais que se iniciou um segundo movimento, esse mais estrategicamente direcionado à desconstrução do hospício, com a participação popular e valorização da cultura. Novos tempos, novos ventos, novos rumos.

O que se experimentava era uma atmosfera de criação e, principalmente, de liberdade de se ter ideias e de se buscar meios de executá-las, na direção firme de promover mudanças que não deixassem dúvidas que estávamos trabalhando para o fim do hospício, para um novo lugar para a loucura. Momento de grande fertilidade com a criação do programa de Moradias Internas, unidades de internação se desinstitucionalizando e engendrando estruturas de futuros Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), serviços com crescimento e qualificação de oficinas voltadas para a arte e geração de trabalho e renda, CAPS sendo criados na cidade.

Essa era a atmosfera quando a ideia da festa de carnaval surgiu e que propiciou que ela se transformasse na proposta de criar um bloco de carnaval que fosse para a rua. A forma como a ideia se espalhou e a adesão imediata de pessoas e serviços já prenunciava o que seria o Loucura Suburbana. Rapidamente, foi criada uma comissão, da qual faziam parte não só representantes de serviços do Nise, mas também do Instituto Juliano Moreira e da comunidade do Engenho de Dentro. Com desculpas prévias por algum eventual esquecimento, alguns nomes merecem ser citados por terem tido papel fundamental nesse momento de construção que marca, na falta de termo melhor, o jeito Loucura Suburbana de ser: Marta Macedo, Lula Wanderley,

Yuri Carvalho, Leandro Freixo, Reynaldo Santana, Eda Neymar, Luiz Carlos da Rosa, Adriana Rosa, Anníbal Amorim, Cristina Macedo. Mas cabe absolutamente dizer que houve envolvimento de muitos setores da instituição, ainda que não fizessem parte da comissão. E vale lembrar que faltavam menos de dois meses para o carnaval. Iniciou-se um período de intensa atividade com grande mobilização dos serviços e dos parceiros. Sem nenhum recurso financeiro, foi num clima de muita participação e ânimo que o bloco, ainda sem nome, se foi construindo. Momento especial da instituição, vivendo e aprendendo com essa construção coletiva e alegre. Estrutura básica sendo montada, contando totalmente com a solidariedade de parceiros,³ era preciso escolher nome do bloco e um samba para acompanhar o desfile.

Vai-e-vem e música no ar

Leandro Freixo, musicoterapeuta do Espaço Aberto ao Tempo incentiva e começa a auxiliar principalmente os usuários a comporem suas músicas, atividade muitas vezes realizada em frente ao prédio que abrigava o Cetape,⁴ o Gabinete da Direção-Geral e os setores administrativos. A música se espalha na instituição e surgem vários compositores de primeira vez e até parcerias que causam surpresa, como, por exemplo, a de uma médica e de um usuário que compõem um samba cuja letra vai ficar escrita, até o evento de escolha do samba, no quadro negro do Ambulatório Central.⁵ O fato de essa atividade se dar em frente ao prédio administrativo promove já algo novo, à medida em que as pessoas que majoritariamente circulavam por ali – funcionários e fornecedores – vão tendo a oportunidade do contato com os usuários, podendo observá-los em seus momentos de criação.

Uma intensa circulação vai ocorrer entre os setores do Nise. A velocidade com que se realizavam as tarefas era tanta, tanta criatividade e iniciativa, que era difícil acompanhar globalmente o que acontecia. A Oficina de Artes do Ambulatório vai-se tornar o primeiro ateliê de fantasias, com participação dos familiares da clientela, na doação de tecidos e na confecção, ainda tímida nesse período, de fantasias. Doação e troca de máquinas de costura acontecem entre a Oficina de Artes e o Espaço Aberto ao Tempo (EAT) - a colaboração se estabelece produzindo novos vínculos entre os setores. Na garagem do hospital é montado – de forma totalmente dedicada e voluntária por uma jovem moradora do bairro – durante o mês todo e com funcionamento diário, um grande ateliê de confecção de standartes e máscaras, com material que havia sobrado da RIO 92⁶ e outros conseguidos por meio de doação. O local aglutina também usuários, funcionários e familiares numa atividade nova, aberta a todos e se torna um agradável ponto de encontro. Anunciando já o

3 Para acompanhar o primeiro desfile, a bateria e a porta-bandeira foram gentilmente cedidas pelo Grêmio Recreativo Escola de Samba União do Parque Curicica, que também conseguiu agenciar o carro de som. Camisetas doadas tiveram estampado o desenho do cartunista Carlos Latuff, especialmente feito para o bloco.

4 Centro de Estudos, Treinamento e Aperfeiçoamento Paulo Elejalde.

5 O samba “De Pedro II a Nise da Silveira”, composto por Fátima Monte Marques e José Carlos de Souza, começa falando: “Vejam que lindo! No hospital Pedro II, Dra. Nise da Silveira, que encantou todo mundo... Cores luz e fantasia expressando toda a arte, trocando lágrimas da face por sorrisos de muitos corações...”. Esses versos já davam o tom da mudança na instituição, das homenagens à Nise da Silveira que se sucederem em sambas todos os anos e do colorido e da emoção que seriam marcas do Loucura. O samba não ganhou nesse ano, mas concorreu de novo e foi escolhido como samba enredo do desfile de 2006. Está disponível no site do bloco ou no CD Sambas Campeões do Loucura.

6 RIO-92 ou ECO-92 foi como ficou conhecida a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, realizada no Rio de Janeiro, entre 3 e 14 de junho de 1992, com o objetivo de debater os problemas ambientais mundiais.

7 Annibal Amorim, diretor do Centro Comunitário, acumulava já uma vasta experiência no estabelecimento de parcerias – forma como se constituiu o próprio Centro – e sua atuação foi decisiva para estabelecer parcerias fundamentais que viabilizaram o desfile. Várias das suas iniciativas permaneceram como parte do elenco de organização do Loucura, algumas durante anos – empréstimo de carro de som, bateria e porta-bandeira de escola de samba convidada – e outra até hoje: o recebimento de doação de fantasias para empréstimo no dia do desfile.

8 Uma senhora, moradora de rua, de posse de um estandarte adereçado no “Barracão”, evoluía com orgulho como porta-bandeira. Da mesma forma, bastante compenetrados, evoluía um casal de mestre-sala e porta-bandeira formado, ali na hora, por uma usuária e um usuário do EAT.

que viria a ser um dia o Barracão, ali começam a chegar fantasias doadas que seriam as primeiras a serem usadas pelos foliões no dia do desfile. A participação do Centro Comunitário⁷ foi decisiva. Com sua experiência de atuação além dos muros realizou grande parte dos contatos externos e estabeleceu parcerias.

Uma das formas de divulgação foi a campanha de doação iniciada a fim de se arrecadar algum recurso financeiro. O bairro começa a receber notícia de que iria existir um desfile de um bloco novo – os comerciantes eram visitados por funcionários que explicavam o projeto e solicitavam alguma ajuda. Embora a ideia tenha sido aceita com simpatia, os recursos obtidos foram pequenos. No Nise, os alto-falantes espalhados, ligados à Rádio Revolução, anunciavam o desfile que iria acontecer – e já tinha se escolhido o dia – na 5ª feira antes do carnaval oficial da cidade.

Os jardins em frente ao prédio da Direção lotaram de gente no dia marcado para escolha do nome do bloco e do primeiro samba. Gente, não só de serviços do Instituto Nise da Silveira, mas também do Instituto Juliano Moreira, de um CAPS do Estado do Rio de Janeiro e representantes de entidades comunitárias locais. Uma lista com várias sugestões de nomes havia sido construída democraticamente e já havia circulado por algum tempo. Num clima de festa e pelo voto popular foram escolhidos o nome Loucura Suburbana, para o bloco e o samba-campeão que acompanharia o desfile pelas ruas – ganhou o samba também chamado Loucura Suburbana, composto por Annibal Amorim.

No dia 22 de fevereiro de 2001 o desfile acontece, apresentando várias surpresas, pois na realidade ninguém tinha a dimensão exata do que seria colocar o bloco na rua: o público foi superior ao esperado, apareceram grupos de percussão que se juntaram à bateria, personagens surgiram espontaneamente assumindo papéis de destaque no desfile,⁸ até imprensa internacional apareceu para cobertura do evento. Os moradores do bairro foram para as calçadas para ver o bloco passar, certamente uma experiência marcante de ver os loucos juntos e na rua! A alegria e a emoção tomaram conta de todos!

A história do Loucura poderia ter parado aqui, se a direção do instituto não tivesse perguntado sobre a preparação do desfile para 2002. Faltava um mês para o carnaval e nenhum movimento havia sido feito em relação a um segundo desfile. Aqui começa a história de outras redes que vão se constituir e alicerçar a construção do que é hoje o Loucura Suburbana.

Como colocar um bloco na rua num prazo de um mês?

A antiga comissão foi mobilizada, faltando alguns funcionários que não

estavam mais no Nise da Silveira. Planejam-se as atividades internas – o desenho da camiseta é atribuído a Lula Wanderley, bem com a concepção do carro alegórico, que seria construído pelo pessoal do EAT; o Nise cederia camisetas e seriam feitos abadá, o movimento de composição musical é disparado e começa a agitação dos compositores compondo e ensaiando suas músicas para a escolha do samba. Tarefas administrativas de autorização pública, divulgação e captação de recursos no bairro sendo providenciadas. O pessoal do Instituto Juliano Moreira consegue o mesmo carro de som. Mas, e a bateria?

Iniciava-se o convênio entre a Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro, por meio da Superintendência de Saúde Mental, e o Comitê para a Democratização da Informática (CDI), para a inauguração de escolas de informática em algumas unidades da rede de saúde mental. Uma reunião com os executores locais foi convocada pelo CDI e nela estavam presentes, além de representantes das unidades de saúde, representantes de associações de diversos segmentos da sociedade, interessados em criar escolas de informática em suas comunidades. Entre os presentes, moradores da comunidade onde se situava a Escola de Samba Unidos da Tijuca. Ali estava uma grande oportunidade de estabelecimento de uma parceria e o convite para que a bateria da referida escola pudesse acompanhar o segundo desfile do Loucura Suburbana foi feito. Em uma semana veio resposta positiva, que ainda incluía a presença de mestre-sala e porta-bandeira.

Fantasia recebidas de doação, guardadas no Centro Comunitário, foram espalhadas na garagem – que se esvaziava de carros para que o bloco pudesse ter espaço – e voluntários e funcionários se revezavam para confecção de adereços e reservas das fantasias, cujas doações tinham crescido ao longo do ano.

A escolha do samba nesse ano aconteceu em local fechado e com um júri constituído por músicos e representantes de agremiações carnavalescas. E o segundo desfile aconteceu, com um número um pouco maior de foliões, mas já com os moradores saindo das calçadas e entrando na folia.

E a partir daí, não se teve mais dúvida – Loucura Suburbana era o bloco da saúde mental e abriria o carnaval do Engenho de Dentro todos os anos. Durante muito tempo, algumas características foram mantidas: a organização e construção do desfile se dava nos meses bem próximos ao carnaval; a bateria, e o casal de mestre-sala e porta-bandeira eram convidados de escolas de samba diversas.

Durante anos as fantasias doadas eram guardadas no Centro Comunitário e colocadas na garagem para reservas e empréstimos para o desfile, sema-

9 O músico e musicoterapeuta Leandro Freixo, que nos primeiros anos do bloco auxiliava os compositores na construção de sambas, saiu do hospital. Assim, até a chegada do músico Abel Luiz com sua Oficina Livre de Música, era mesmo uma luta conseguirmos músicos para o desfile – alguns vinham por meio das parcerias com escolas de samba que cediam percussionistas de suas baterias.

10 Elisama Arnaud e Sidimar Marinho formam o casal titular de porta-bandeira e mestre-sala. A passista Elisângela estava internada em uma enfermaria do Instituto Nise da Silveira quando, ao começar a se aproximar da equipe do Loucura e participar de desfiles, “comunicou” que a partir daquele momento seria a passista do bloco. E essa nova identidade com certeza contribuiu para seu processo de alta – hoje ela mora numa Residência Terapêutica. Também foi se autodenominando que Laura, que trabalha na empresa que presta serviços de limpeza ao hospital, ocupou – e ocupa até hoje – o lugar de rainha da bateria. João, um menino morador do bairro e que desde muito pequeno frequenta os desfiles, passou a ocupar, com sua fantasia de Chaplin, o lugar de mestre-sala mirim. Filha intérprete do bloco Binho do Cavaco, Nicolly é a mais nova componente e, com muito samba no pé, desfila como a passista mirim.

nas antes dele ocorrer. Essa realidade mudou quando o número de fantasias cresceu tanto que era preciso arranjar um local maior e fixo para a guarda – foi aí que a antiga capela do necrotério, situada logo à entrada principal do hospital e felizmente sem uso há anos, foi transformada no Barracão, que hoje guarda mais de mil peças de carnaval, fantasias e adereços doados por foliões de escolas de samba e que são emprestados durante o desfile anual e outras apresentações ao longo do ano.

Aos poucos, moradores do bairro foram se aproximando e se oferecendo para participar da construção dos desfiles, alguns de forma espontânea e direta, outros porque participavam da Escola de Informática Nise da Silveira ou da Encantarte Editora, das quais falaremos adiante. Grupos reunindo esses moradores usuários de saúde mental e familiares foram se formando em torno desses projetos e criando outros, como o que se concentrava no barracão durante o pré-carnaval, para concerto e reciclagens de fantasias – e que foi o embrião do Ateliê de Adereços, Fantasias e Moda. A aproximação com o CAPS Clarice Lispector, que se dava especialmente pela Encantarte Editora, resultou numa parceria que deu ao Bloco Loucura Suburbana a Oficina Livre de Música, desenvolvida naquele lugar, voluntariamente, pelo músico, morador do bairro, Abel Luiz, que inaugurou uma nova fase musical, de muita qualidade e de aumento da quantidade de músicas compostas – um estímulo principalmente aos usuários, que foram se revelando compositores e cantores. Essa parceria foi fundamental, pois o bloco esteve, por alguns anos, sem coordenação musical, contando com os sambas criados pelos compositores, mas sem uma merecida assessoria musical.⁹

Ao longo dos anos os desfiles foram atraindo foliões de toda a cidade e se estima que mais de mil pessoas tenham participado dos desfiles nos últimos anos. Vários personagens – destaques do Bloco – foram surgindo e diversas pessoas ocuparam o lugar de porta-bandeira e mestre-sala, até que foi estabelecido um casal fixo. Alguns destaques como passista e a rainha da bateria foram autopromoções bem aceitas! Hoje já uma segunda geração começa a ocupar outros lugares nos desfiles – passista mirim e casal de mestre-sala e porta-bandeira mirim.¹⁰

Além dos desfiles anuais, o Bloco tem realizado desfiles em eventos, principalmente naqueles comemorativos da Luta Antimanicomial, ou atendido a convites de universidades e de serviços da rede de saúde mental. Também apresentações com uma estrutura mais reduzida do bloco acontecem frequentemente em eventos diversos na cidade ou em cidades do estado do Rio de Janeiro. Apenas uma vez houve uma apresentação seguida de desfile fora do estado – e foi marcante para todos os componentes, principalmente para os usuários – quando o Loucura Suburbana foi escolhido para representar o

Rio de Janeiro na Teia da Diversidade, realizada em Natal, em 2014.¹¹

De Bloco Carnavalesco a Ponto de Cultura

Em 2009, o Loucura passa a ser, além de um bloco, um ponto de cultura – o primeiro Ponto de Cultura em saúde mental da cidade do Rio de Janeiro. Participando da primeira seleção pública da Secretaria Estadual de Cultura do Rio de Janeiro para a criação de uma rede de pontos de cultura no estado, o projeto Ponto de Cultura Loucura Suburbana: Engenho, Arte e Folia é aprovado e é realizado o convênio com a ECCO (Associação de Entidades e Amigos do Centro Comunitário do Centro Psiquiátrico Pedro II) para gerenciamento dos recursos que durante três anos iriam dar sustentabilidade mínima às atividades realizadas. E foi a partir daí que o Loucura Suburbana se estruturou, com as oficinas passando a oferecer atividades permanentes, gratuitas e abertas à população, resgatando a memória do samba e do carnaval e incorporando mais tarde outras iniciativas de ensino, cultura e geração de renda, antes isoladas. Ao lado de outros apoios, foi possível a contratação de profissionais na área de música, de produção cultural e de design de moda. Essas oficinas permitiram o crescimento e a melhoria indiscutível da qualidade dos desfiles, representando também e, principalmente, espaço cultural tanto para a rede de saúde mental quanto para os bairros do entorno do hospital.

E o que são os pontos de cultura?

Os textos a seguir, publicados pelo IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), detalham objetivos e a estrutura dos pontos de cultura:

O Programa Cultura Viva tem por objetivo incentivar, preservar e promover a diversidade cultural brasileira, ao contemplar iniciativas culturais locais e populares que envolvam comunidades em atividades de arte, cultura, educação, cidadania e economia solidária. “Com a missão de (des-esconder) o Brasil, reconhecer e reverenciar a cultura viva de seu povo”, em 2004, a então Secretaria de Programas e Projetos Culturais – atualmente SCC – do ministério iniciou a implantação dos Pontos de Cultura, que são a expressão de uma parceria firmada entre Estado e sociedade civil. Além dos Pontos de Cultura, o Programa Cultura Viva é integrado por um conjunto de ações: Cultura Digital, Griô, Escola Viva e, mais recentemente, Cultura e Saúde.

11 Mostra Artística da Teia Nacional da Diversidade, realizada na Universidade Federal do Rio Grande Norte, evento promovido pela Secretaria da Cidadania e da diversidade Cultural (SCDC) – Ministério da Cultura; Natal, 22 de maio de 2014.

... o Ponto de Cultura é a ação prioritária do Programa Cultura Viva e articula todas suas demais ações. Para se tornar um Ponto de Cultura, é preciso que uma iniciativa da sociedade civil seja selecionada pelo MinC por meio de edital público. A partir daí, um convênio é estabelecido para o repasse de recursos e o Ponto de Cultura se torna responsável por articular e impulsionar ações já existentes em suas comunidades. O Ponto de Cultura não tem um modelo único de instalações físicas, de programação ou de atividades. Um aspecto comum a todos é a transversalidade da cultura e a gestão compartilhada entre o poder público e a comunidade. Cada um dos pontos recebe quantia de R\$ 60,00 mil/ano, divididos em parcelas semestrais e renováveis por três anos, para investir de acordo com a proposta do projeto apresentado. Parte do incentivo recebido na primeira parcela, no valor mínimo de R\$ 20 mil, é utilizada para aquisição de equipamento básico multimídia em software livre, composto por microcomputador, miniestúdio para gravação de CD, câmera digital e outros materiais que sejam importantes para o Ponto de Cultura. Esta iniciativa está integrada a uma das ações do Programa Cultura Viva, a Cultura Digital (Barbosa, Calabre, 2011, p.44).

O nome Ponto de Cultura surge do discurso de posse do ministro Gilberto Gil, “um do-in antropológico, um massageamento de pontos vitais da Nação”. E que Nação é essa? Decerto não é uma massa compacta e estática e muito menos um conjunto de estereótipos e tradições inventadas. A Nação para a qual olhamos precisa ser vista como um organismo vivo, pulsante, envolvido em contradições e que necessita ser constantemente energizado e equilibrado. Uma acupuntura social que vai direto ao Ponto (Barbosa, Calabre, 2011, p.66)

A elaboração do projeto do Ponto de Cultura: o CAPS Clarice Lispector e a gestão partilhada

Incrível como fomos sendo introduzidos num mundo diferente do da saúde – o da cultura – e com surpresa aprendendo que era possível captar recursos para desenvolver as ações e crescer! Pode parecer pouco, mas a lógica de trabalhar no serviço público de saúde nos coloca num universo de carência crônica de recursos.

Nessa altura, passados sete anos da criação do Bloco, o Centro de Convivência da Casa do Sol já havia se transformado no CAPS Clarice Lispector e havia criado o Bonde 77, centro cultural cuja característica era desenvolver atividades culturais a partir do mapeamento de seu território. A antiga par-

ceria com esse CAPS se estreita quando se constitui um grupo formado por frequentadores da Encantarte Editora, do bloco, por pessoas da equipe do CAPS, da ECCO e por voluntárias que trabalham na proposição e redação do projeto do ponto de cultura, que previa uma integração com o CAPS na sua execução, tendo mesmo uma gestão compartilhada.

O Ponto, a equipe e as oficinas

Durante alguns anos de fato desenvolveu-se com o CAPS Clarice um trabalho de colaboração na tomada de decisões e foi criada uma comissão para entrevistas de candidatos e seleção de pessoal para constituição da equipe do Ponto.

Além de poder contar, a partir daí, com um profissional para produção das atividades, foram contratados oficinheiros para as oficinas previstas no projeto: Ateliê de Adereços, Fantasia e Moda, Oficina Livre de Música e Oficina de Percussão. Vale ressaltar que a equipe do Loucura se constituiu com a presença e com o trabalho de usuários dos serviços de saúde mental que participam das decisões, que são tomadas em reuniões gerais semanais.

O Ateliê de Adereços, Fantasias e Moda se estruturou a partir de um grupo já existente que se formou, como foi dito, participando das atividades pré-carnavalescas do Barracão de reservas e empréstimos de fantasias para o desfile. É um espaço de criação e reciclagem das fantasias e de confecção de adereços do Bloco e de outros artigos para geração de renda, com atividades regulares semanais. Mesmo contando atualmente com apenas uma oficinista formal – que iniciou sua participação como voluntária durante um período pré-carnaval – o Ateliê já desenvolveu dois cursos de Corte e Costura e desenvolve oficinas diversas e eventuais, na próprio local, em CAPS e em eventos – confecção de estandartes, miniestandartes, adereços – muitas através de parcerias com serviços da rede pública de saúde e outras da iniciativa privada. Em períodos mais favoráveis de apoios financeiros, o ateliê pôde contar com carnavalescos para a composição e construção das fantasias dos principais destaques do bloco. Atualmente, e sempre contando com a solidariedade de voluntários e parcerias eventuais, a equipe que se forma bem próximo ao desfile assume essa tarefa. Para o desfile de 2019 as roupas foram confeccionadas a partir de desenhos gentilmente realizados, a pedido do Loucura, pela carnavalesca Rosa Magalhães.

A Oficina Livre de Música acontecia há algum tempo no CAPS Clarice Lispector, coordenada pelo músico Abel Luiz, cuja história de vida se mistura com a história do bairro e a da instituição. Nascido e criado no Engenho

de Dentro, Abel frequentou os espaços esportivos do Centro Comunitário do então CPPII desde criança e desenvolvia uma oficina voluntária de ensino de cavaco naquele CAPS – oficina que foi, então, incorporada ao Ponto de Cultura, no início do desenvolvimento do projeto, agregando a composição musical ao ensino do cavaco e do violão. Acontecendo semanalmente, é espaço permanente para dar apoio aos compositores durante todo o ano e, principalmente, durante os meses que antecedem o carnaval. Suas aulas acabam se transformando em encontros musicais com formato de saraus, abrindo espaços para aprendizes de músicos, compositores e cantores.

A Oficina de Percussão passou a oferecer aulas semanais de percussão e cerca de um ano após seu início foi criada a bateria A Insandecida, nome escolhido pelos frequentadores da oficina, composta, em sua maior parte, por usuários dos serviços de saúde mental. Desse momento em diante o Loucura, já com bateria própria para acompanhar os desfiles, não necessitava mais das baterias convidadas das escolas de samba. Interessante assinalar que mestre Fernando Mesquyta, que comanda a bateria há anos, foi aluno da Oficina Livre de Música.

As oficinas musicais constituíram um verdadeiro núcleo musical do qual derivaram outras atividades como as Oficinas de Música Itinerantes, os Encontros de Oficinas e as Rodas de Samba regulares.

As Oficinas Itinerantes reúnem integrantes das duas oficinas musicais e são realizadas principalmente em CAPS da cidade, mas também em escolas, atingindo um público jovem, ou ainda em eventos culturais para os quais o Loucura é convidado a se apresentar.

Os Encontros de Oficinas é uma proposta de encontros com projeção de filmes temáticos sobre o mundo do samba, a partir dos quais se agregam manifestações artísticas musicais e expressões literárias, reunindo oficinas culturais de serviços da rede de saúde mental.

Assim como desfile do bloco, as Rodas de Samba se constituíram em importante ocupação cultural da praça da região – a praça Rio Grande do Norte – contribuindo para a revitalização desse espaço público e para a integração com a comunidade local. A maior parte delas contou com convidados especiais, personagens emblemáticos da história do samba carioca e teve frequência bimensal em alguns períodos. Algumas aconteceram dentro do instituto e em bares do bairro. Infelizmente, nos últimos anos, a realização das rodas se tornou mais esparsa, devido às dificuldades orçamentárias do Ponto de Cultura.

As Escolhas de Samba, realizadas anualmente e tradicionalmente quator-

ze dias antes do desfile anual, são eventos nos quais um júri composto por representantes da área da cultura e saúde mental, de agremiações carnavalescas e por músicos em geral, escolhe o samba-enredo que acompanhará o bloco ao longo de seu desfile pelas ruas do Engenho de Dentro. Até chegar o grande dia de festa, há um processo de criação musical que envolve principalmente a rede de saúde mental, com participação decisiva da Oficina Livre de Música na assessoria aos compositores. Esse processo enche de música os corredores e salas do Ponto de Cultura, que se transformam em locais onde a oficina se realiza, às vezes, em vários momentos do dia. A produção de sambas concorrentes tem sido alta: vinte sambas a cada ano. Nesses períodos são realizados ensaios com os compositores e a bateria A Insandecida.

Para comemorar os dez anos de aniversário do Bloco foi gravado o CD *Sambas Campões do Loucura*, com os sambas vencedores até aquele ano.

A temática dos sambas é escolhida em reuniões gerais que também têm o objetivo de organizar a construção do desfile do ano.

Uma sede para o Ponto de Cultura

Em 2012 foi oferecido um grande espaço para o desenvolvimento das atividades do Ponto de Cultura, antes geograficamente dispersas pelo instituto. Originalmente uma unidade de internação que havia sido desativada, esse espaço havia abrigado o Núcleo de Artes da Secretaria Municipal de Educação. O novo espaço permite reunir como atividades do Loucura a Escola de Informática e Cidadania Nise da Silveira (EIC), a Encantarte Editora e a Oficina de Papelaria, projetos que tinham abrigado geograficamente a equipe e as reuniões do Loucura, em espaços mínimos e que foram se constituindo e crescendo junto com o Bloco e o Ponto de Cultura, num processo de retroalimentação.

Agora com uma sede e espaço para as atividades, o Loucura Suburbana vai se estruturar como um verdadeiro centro cultural, considerando-se as ofertas de serviços disponíveis para a população. Além das oficinas ligadas ao carnaval, outras atividades passam a existir: a partir do trabalho da EIC, cria-se o Cyber Café, oferecendo acesso livre e gratuito à internet ao público em geral e, anexo, o Espaço de Leitura, que funciona com uma biblioteca de cerca de novecentos volumes recebidos por doação, higienizados e catalogados por usuários que fazem parte da equipe do Loucura, treinados por uma usuária bolsista que desenvolve trabalhos no Centro de Memória do Instituto Nise da Silveira. Compõem o espaço a Sala Dona Ivone Lara, sala multimídia

para a realização de projeções de filmes, de espetáculos musicais e teatrais e de exposições. Desde 2015 abriga a exposição Fissura no Real, de fotos dos desfiles desse ano, do bloco.

Cabe, neste ponto, uma breve definição da Escola de Informática e da Encantarte Editora, projetos criados num período histórico que marca uma direção: quebra de paradigmas, integração social, protagonismo e criação coletiva. Uma novidade é que esses equipamentos vão se instalar numa área administrativa do hospital, o que inaugura uma nova forma de convivência – os funcionários passam a conviver cotidianamente com o vai e vem dos usuários – os pacientes! E vice-versa, os próprios pacientes vão frequentar um local de trabalho – do qual normalmente seriam excluídos – e estarão em atividades em espaços fora dos seus locais de tratamento – fora dos espaços assistenciais.

A EIC

A Escola de Informática e Cidadania Nise da Silveira (EIC), inaugurada em 2002 com o objetivo de estimular a inclusão digital, formou mais de seiscentas pessoas entre usuários, familiares, funcionários e moradores dos bairros próximos ao hospital até a extinção do convênio entre o CDI e a Secretaria Municipal de Saúde, em 2013. Invertendo totalmente a lógica hierárquica dominante – os professores eram obrigatoriamente usuários dos serviços da rede de saúde mental, foi, de maneira paralela e complementar ao Bloco Loucura Suburbana, fator de integração social e quebra do estigma da loucura. Além disso, representou uma avançada atividade de inserção de usuários no mercado de trabalho, contribuindo em muito para a melhoria de renda dessas pessoas, que eram contratadas pelo CDI, com direitos trabalhistas.

Seu planejamento pedagógico era alinhado ao calendário de atividades do bloco e vários cartazes que serviram para a divulgação dos desfiles foram confeccionados a partir de desenhos feitos na EIC. Também o setor de estatística do instituto utilizou desenhos produzidos pelos alunos da escola, em sua maior parte de usuários de saúde mental. Com relação ao aspecto dos desenhos, vários talentos foram revelados utilizando a técnica do *paintbrush*.

Como o bloco, a EIC produziu grande integração também com funcionários do instituto, cujos serviços começavam a ser informatizados e para operação dos quais estavam despreparados. Ser alunos de pacientes e conviver num curso sério e competente, que respeitava a individualidade e a diversidade, fez aumentar em muito o respeito e a admiração pelos professores-usuários e pelos projetos desenvolvidos em que eles assumiam papel de protagonis-

mo. Para os alunos, sobretudo para os usuários de saúde mental, a escola teve grande importância, revelada com muita emoção nas cerimônias de formatura que ocorriam para entrega dos diplomas.

Depoimentos revelavam que a experiência da EIC tinha tido impactos em vários níveis em suas vidas: para muitos era o primeiro diploma; o aumento da autoestima, do respeito de membros da família e da comunidade – amigos, terapeutas – era outro fator apontado. Muitas vezes os alunos-usuários vinham a ser colegas de classe de seus terapeutas. Muitos depoimentos falavam da confiança adquirida em sua capacidade de aprender, o que apontava para o futuro, o que revelava ter havido algum nível de transformação. Ao agrupar pessoas com experiências profundas de isolamento e preconceito, ao restituir-lhes ou lhes dar a confiança em seu processo de crescimento, a EIC realizou um importante trabalho social, que também reverberou em cada professor-usuário. Fazer o curso ou trabalhar na EIC naquele momento da história da informatização da sociedade era estar numa posição de vanguarda.

TABELA 1
Percentual, número e renda média das pessoas com posse de microcomputadores e acesso à internet – inclusão digital no Brasil, 2002-2008

| Categorias | 2002 | | 2008 | |
|---------------------|-------------|------------|-------------|-------------|
| | Não tem | Tem | Não tem | Tem |
| Microcomputador (%) | 86,32 | 13,68 | 68,35 | 31,65 |
| Nº de pessoas | 146.673.388 | 23.242.155 | 125.833.369 | 58.265.560 |
| Renda média | 332,81 | 1.473,19 | 352,14 | 1.103,48 |
| Internet (%) | 90,22 | 9,78 | 76,08 | 23,92 |
| Nº de pessoas | 153.289.778 | 16.625.765 | 140.061.097 | 44.037.832 |
| Renda média | 355,94 | 1.704,09 | 378,10 | 1.264,77 |
| Celular (%) | 65,81 | 34,19 | 22,24 | 77,76 |
| Nº de pessoas | 111.817.239 | 58.098.304 | 40.946.670 | 143.152.259 |
| Renda média | 266,41 | 865,91 | 287,79 | 658,17 |
| DVD (%) | – | – | 27,34 | 72,66 |
| Nº de pessoas | – | – | 50.333.844 | 133.765.085 |
| Renda média | – | – | 342,17 | 668,71 |

Fonte: Microdados da PNAD/Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).
Elaboração: Disoc/Ipea.
Obs.: Valores de setembro de 2008, Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC) médio.]

Fonte: Barbosa, Calabre (2011, p.22).

A Encantarte Editora

Formada pelos alunos egressos da EIC que haviam revelado habilidades na informática ou em produção de imagens, foi possível construir também o projeto da Encantarte Editora, projeto pioneiro que abriu a possibilidade para

12 Loucos por Música foi um projeto financiado pela Petrobrás que consistia em uma série de shows com artistas conhecidos em prol de causas da saúde mental. No ano de 2007, além da Encantarte, foi escolhida como beneficiária para receber parte da bilheteria a Associação de Serviços Gerais para Integração pelo Trabalho (Sosintra).

os usuários se expressarem por intermédio da literatura – mais um espaço para dar significado às suas histórias de vida e ao seu talento poético-literário, além de habilitá-los profissionalmente no campo editorial. Em atividade desde 2003 a editora foi inaugurada oficialmente em 2005.

Sua proposta original figurou como projeto alternativo dentro do convênio do CDI, cujo objetivo era a garantia de sustentabilidade da própria EIC. Era, e é, portanto, um projeto de geração de trabalho e renda.

Além de publicação de livros, a editora é responsável pela produção gráfica de peças de divulgação do Loucura e de outros serviços, aceitando encomendas do público em geral. Desde sua criação até hoje já publicou 38 títulos, a maior parte de usuários da rede de saúde mental.

A história da Encantarte contém um capítulo importante para a captação de recursos financeiros que sustentam o Ponto de Cultura. Em 2007 foi objeto de uma reportagem veiculada por um canal de televisão de alcance nacional e, ficando conhecida, foi escolhida para fazer parte do projeto Loucos por Música.¹² Essa foi a primeira experiência de captação de recursos e que motivou a associação com a ECCO, entidade criada no Centro Comunitário, que a partir desse momento passa a representar um apoio para a captação de recursos financeiros, processo que se abre quando se verifica a potencialidade de nosso trabalho e a possibilidade de melhor estruturá-lo. Essa motivação impulsiona, no ano seguinte, a elaboração de três projetos com essa finalidade – todos aprovados em 2009 (um deles o do Ponto de Cultura) e que vão viabilizar estruturação das atividades.

Com isso, a Encantarte se transformou em laboratório de elaboração de projetos de fomento de recursos, com a aprovação dos quais foi possível manter boa parte das atividades até os dias de hoje.

Reafirmando a experiência do Loucura de experimentação e construção coletiva, que acaba se caracterizando como metodologia, surgiu, a partir da Encantarte Editora, a Oficina do Papel – projeto de Geração de Trabalho e Renda por meio da criação e confecção de objetos de papelaria.

Núcleo de Memória, Informação e Documentação Loucura Suburbana

Tendo em vista o grande número de documentos, projetos elaborados e imagens produzidos pelo Loucura Suburbana ao longo de sua história, houve já tentativas de estruturação de um núcleo que pudesse organizar e guardar adequadamente os acervos do Bloco e Ponto de Cultura Loucura Suburbana. Muito pouco foi realizado devido à falta de recursos e de pessoal, e apenas

uma pequena parte dos vídeos e do material de divulgação foi organizada.

Com relação à criação de acervo de memória oral, foi iniciada uma parceria com o Museu de Imagens do Inconsciente, durante um período, quando foram colhidos depoimentos de um morador do bairro e de antigas funcionárias do CPPII e do Instituto Nise da Silveira, com o objetivo de criar um núcleo de memória que resgatasse a história do bairro, da instituição psiquiátrica e do carnaval, temas que se interligam pelos personagens que por aí transitaram e por constituírem a própria história do Engenho de Dentro.

Posteriormente, em 2013, e por meio de uma parceria com Victor Magrath, então estudante da Escola de Cinema Darcy Ribeiro, e como Coletivo Peneira, o ponto de cultura realizou cinco eventos públicos para colher depoimentos de sambistas locais e de baluartes de escolas de samba cujas histórias de vida continham passagens pelo bairro e pela instituição. Denominado “O Engenho de Dentro e os grandes mestres do samba”, esse projeto contém depoimentos de Noca da Portela, Aluísio Machado, Juan Espanhol, Seu Luiz do Engenho de Dentro e Jorginho do Império.

Do acervo de imagens constam vários filmes documentários que têm sido importantes suportes na veiculação não só do trabalho e de eventos específicos do Loucura, mas também da Reforma Psiquiátrica, da desinstitucionalização em curso no Instituto Nise da Silveira e da Luta Antimanicomial. Desse acervo fazem parte vídeos de curta-metragem que registraram a maior parte dos desfiles anuais realizados, além de eventos como apresentações e escolhas de samba. Fazem parte do acervo também dois filmes de longa-metragem: *Suburban Madness*, realizado pelo cineasta inglês Phillip Figueiroa (concorrente no Festival de Cinema de Nova Iguaçu, 2009 e ganhador de Prêmio no Festival de Cinema de Salvador, 2009); *Loucura Suburbana*, longa metragem realizado por Victor Magrath (2014). Ainda a ser lançado, *Loucura Suburbana Extraordinário*, de Pâmela Perez (2019). Em termos de mídia televisiva, foi bastante divulgado no canal Globo News o desfile 2013, em reportagem de Fernando Gabeira. Recentemente, foi lançada no Canal Curta a série “Onde a beleza está”, de Susane Worcman e Aída Marques, composta de três episódios, um dos quais é *Loucura Suburbana* (2019).

Sustentabilidade – o grande desafio

Vale esclarecer aqui que, embora com importância reconhecida no processo de transformação da saúde mental brasileira que tem como objetivo principal a extinção dos hospícios, as ações culturais desenvolvidas nessa área ainda não foram incorporadas aos orçamentos públicos da área da saúde.

A Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro, por intermédio do Instituto Municipal Nise da Silveira, sustenta a infraestrutura e parte da equipe, apoiando financeiramente alguns eventos realizados ao longo do ano.

A sustentabilidade do Bloco e do Ponto de Cultura tem sido, por meio da ECCO, majoritariamente feita com recursos oriundos da contínua participação em editais de cultura nos âmbitos municipal, estadual e federal e, muito raramente, com patrocínios ou doações da iniciativa privada.

Atualmente, e devido a pouca oferta de editais em cultura nos últimos dois anos, o Loucura Suburbana passa por uma grave crise para manter sua equipe e as oficinas em funcionamento e, por isso, uma das soluções tem sido recorrer a campanhas de financiamento coletivo para conseguir colocar o bloco na rua.

Nossa luta diária por recursos pela sobrevivência da própria organização nos identifica plenamente com a luta diária dos usuários pela sobrevivência e por uma vida digna e aponta o caminho que temos trilhado desde a criação do bloco e de todos os outros serviços do Ponto de Cultura: a construção coletiva, o trabalho em rede. Só funcionamos porque integramos várias redes, seja a dos serviços de saúde, dos equipamentos culturais da cidade, do comércio local, dos vizinhos do território. São as tramas que nos sustentam.

A resistência do Loucura Suburbana no enfrentamento dessas dificuldades que ameaçam sua sobrevivência e sua capacidade de se re-inventar é o que nos dá esperanças de estabelecer negociações para que a cultura esteja ainda mais contemplada na política de saúde mental da cidade, de forma concreta, por meio do financiamento de parte ou de todo o projeto.

O Bloco, bem como o Ponto de Cultura Loucura Suburbana, vem se mantendo em atividade ao longo de todo o ano, sobretudo pela grande dedicação de seus participantes, tanto usuários do sistema público de saúde mental, como da comunidade, e mesmo do público em geral que, com colaboração voluntária, vem possibilitando não só manter a iniciativa viva como incrementar seus trabalhos.

Essa luta diária pela sobrevivência é muito angustiante e muito cansativa também. Por vezes não vemos possibilidades de recursos a curto prazo, mas há a confiança no trabalho e um no outro, e é isso que nos tem dado força, até hoje, para superar os diversos períodos muito difíceis pelos quais passamos, muitas vezes. E assim seguimos, repetindo o refrão do nosso mestre de bateria: vamos que vamo!

E dizendo, como André Cabral no samba *Loucos somos todos nós*:¹³

Deixa o amor fluir,

Que o Loucura Suburbana vai passar

Deixa eu entrar, vamos sair

Vamos brincar, nos divertir.

Fica decretada a abertura das portas da felicidade

Quebrem os cadeados

Viva a Liberdade!

13 O samba *Loucos somos todos nós*, composto com a participação da Oficina Livre de Música e dos frequentadores da Oficina Literária do CAPS Clarice Lispector foi vencedor da escolha do samba-enredo em 2013.

Referência

BARBOSA, Frederico; CALABRE, Lia (Org.). *Pontos de cultura: olhares sobre o Programa Cultura Viva*. Brasília: Ipea, 2011.



O Instituto Municipal Nise da Silveira tem sido palco de inúmeras ações técnico-administrativas no campo da saúde mental que visam a superação do modelo psiquiátrico tradicional. Uma instituição centenária, que nas últimas décadas tem apresentado grandes avanços no processo de desconstrução do aparato manicomial. Desde 2010 ocorre o incremento de estratégias voltadas para o fortalecimento da Rede de Atenção Psicossocial substitutiva, com a descentralização de recursos humanos e orçamentários. O segundo volume dos *Archivos Contemporâneos* pretende registrar esse percurso, desvelando os caminhos traçados, nessa década, para a transformação do instituto, percorrendo seus impasses, reflexões e desafios cotidianos.

Atualmente, o investimento em pontos decisivos para consolidação das Políticas Públicas em Saúde Mental vem firmando a desinstitucionalização como carro-chefe do instituto, bem como abrindo as portas do antigo hospício para a comunidade e operando novos usos para o complexo arquitetônico. Já vislumbramos o momento em que serão prescindíveis os espaços destinados à longa permanência, assim como os leitos em enfermarias psiquiátricas. Nesse contexto, o Instituto Municipal Nise da Silveira desempenha papel relevante na Reforma Psiquiátrica no Município do Rio de Janeiro, pois paulatinamente transita em direção a novas práticas voltadas à formação de profissionais e à preservação da memória, da cultura e da arte.

Erika Pontes e Silva

Apoio:



Realização:



Subsecretaria de Atenção Hospitalar, Urgência e Emergência
Superintendência de Institutos Municipais de Saúde Mental
Instituto Municipal Nise da Silveira

